

Zonas de Contato no Piauí Oitocentista: rotas de retirantes e escravizados¹

*Edson Holanda Lima Barboza*²

Resumo: Analisamos as condições que tornaram a seca, no final do século XIX, um problema que exigiu intervenções diretas de governos provinciais e imperial, observadas por meio de ações direcionadas ao controle do fluxo de retirantes, visando evitar saques ao comércio ou aos armazéns do governo, além da gestão dos socorros públicos. O Piauí esteve situado no centro das rotas de migração de retirantes cearenses, paraibanos e pernambucanos em direção às províncias do extremo Norte – Maranhão, Pará e Amazonas, a esses somaram outros milhares de retirantes piauienses. A circulação inesperada de migrantes em larga escala centralizou a atenção das autoridades políticas e policiais, principalmente em cidades próximas ao litoral, como Parnaíba; na fronteira com a província do Ceará; ou na ribeira do Parnaíba, com destaque para a capital, Teresina, sede da administração provincial. As repercussões das Diásporas de retirantes foram percebidas por parte de trabalhadores escravizados do Piauí, Ceará e de províncias vizinhas, ameaçados de serem vendidos para os cafezais do Centro-Sul, visualizavam na fuga do domínio senhorial seguida por migrações clandestinas como oportunidades para reverter sua condição jurídica, permitindo a cativos acessos a projetos de mobilidade, pois em alguns casos, ao procurar trabalho ou ocupação se identificavam como retirantes, posição que apesar de todas as privações poderia proporcionar a negros fujões novas direções em seus projetos de liberdade.

Palavras-Chave: Retirantes, Escravizados, Migrações, Fugas, Seca

ABSTRACT: We analyze the conditions which made the drought in the late nineteenth century, a problem that required direct intervention of provincial governments and imperial observed through actions aimed at controlling the flow of migrants, aiming to prevent looting trade or government warehouses, besides the management of the public relief. Piauí was situated in the center of the migration routes of migrants Ceará, Paraíba and Pernambuco toward the northernmost provinces - Maranhão, Pará and Amazonas, these amounted to thousands of other refugees of Piauí. The unexpected movement of migrants in large scale centralized attention of political authorities and police, especially in cities near the coast, as Parnaíba, on the border with the province of Ceará, or in the Parnaíba river, especially the capital, Teresina, thirst the provincial administration. The repercussions of Diasporas of migrants were perceived by enslaved workers of Piauí, Ceará and neighboring provinces, threatened with being sold to the coffee plantations of Central South visualized on the trail of the master domain followed by illegal migration as an opportunity to reverse their condition legal, allowing prisoners access to mobility projects, because in some cases, when looking for work or occupation identified themselves as migrants, a position that despite all the hardships might provide new directions runaway blacks in their projects of freedom.

Keywords: Migration, Escape, Slaves, Refugees, Drought

Contact zones in Piauí Nineteenth Century:
routes of migrants and enslaved

¹ O Texto a seguir traz, com breves ajustes, parte do 2º capítulo - *Da Ibiapaba ao Gurupi: rotas de migração e fuga em direção ao Piauí e Maranhão* - da Tese de Doutorado em História Social, defendida na PUC/SP em maio de 2013 com o título – *A hidra cearense: rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884)*, sob orientação do Prof^ª Dr^ª Maria Antonieta Martines Antonacci e bolsa do CNPQ.

² Doutor em História Social; Professor Adjunto I – UESPI/Parnaíba; Coordenador do Curso de História no Campus Alexandre Alves. E-mail: edsonludd@hotmail.com

Pensar a problemática das migrações impulsionadas por calamidades, como as secas, ou os trânsitos de vaqueiros entre as rotas da pecuária são questões importantes para buscar compreender a formação social do Piauí durante o século XIX, principalmente em suas últimas décadas, quando o tráfico interprovincial de escravizados de origem africana aproveitou da conjuntura econômica de crise para direcionar cativos das províncias do Norte, incluindo os do Piauí, para as áreas de expansão da cafeicultura no Centro-Sul.

A seguir procuraremos compreender melhor o processo de percepção da seca como um fenômeno social e sua interferência para o declínio da pecuária e do escravismo no Piauí. Demonstramos que o conhecimento prévio dos caminhos dos sertões possibilitou que homens pobres livres piauienses e de províncias vizinhas, com forte atuação de cearenses, conhecidos por *retirantes*, e escravizados à mercê do tráfico interno, interpretassem as medidas de controle social e reagiam em ações individuais ou coletivas com o objetivo de cavar possibilidades de inserção social ou projetos de liberdade.

Trânsitos pelo Piauí

As temáticas das migrações e das secas já foram tratadas em trabalhos de Maria Mafalda Balduino de Araújo (1991; 1997), porém, é necessário dimensionar sua importância para a economia local, bem como nos planos de proprietários de escravos. Inicialmente, tornou-se necessário saber como e em que condições a seca passou a ser tratada como um evento que exigia a intervenção do Estado. Para Manoel Domingos (1987, p. 20) foi somente “a partir de 1877, data em que a ‘seca’ passa a integrar, com o estardalhaço que lhe é próprio, a história agrícola do Piauí.” Não obstante, há relatos governamentais de 1847 apontando a existência de “‘gente pobre exposta aos horrores da fome’ em períodos de estiagem” (LIMA, 2005, p.20), provavelmente, referindo-se aos impactos da seca de 1845.

As repercussões da seca de 1877 ficaram evidentes na Província do Piauí, onde a Serra da Ibiapaba, fronteira natural com a Província do Ceará, concentrou retirantes das duas províncias. Inicialmente, as vilas mais afetadas pela falta de chuva, morte de gado, perda da lavoura e presença de emigrantes foram Jaicós, Príncipe Imperial e Independência; contudo, a presença de retirantes do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco interferiu no mercado local na maioria das vilas. As compras de gêneros para abastecimento das Comissões

de Socorros Públicos³ comprometeram o estoque de feiras e comércios locais, provocando aumento e frequente ausência de produtos básicos, como a farinha de mandioca.

Parnaíba foi a porta de entrada das embarcações que percorriam o rio, que dava nome à cidade. Pela proximidade com o litoral, foi trajeto de idas e vindas de retirantes em direção ao Porto de Amarração, localidade que pertenceu à Província do Ceará até 1880, situada na barra do rio Igarçu, um dos braços do Delta, ficando a pouco mais de 10 quilômetros de Parnaíba, cidade que foi o principal entreposto comercial do Piauí no fim do século XIX e início do XX. Por sua localização, a vila cearense de Amarração serviu “de porto marítimo para a cidade de Parnaíba e toda a Província do Piauí” (DODT, 2008. p. 35). A intensa movimentação comercial entre Amarração e Parnaíba constituía uma zona de conexão entre moradores das duas províncias, presença do comércio e rotas fizeram que o circuito entre as vilas de Amarração e Parnaíba atraísse milhares de retirantes durante a seca. Sobre a dependência da província do Piauí em relação ao porto cearense de Amarração é oportuno avaliar o lamento oficial do presidente da província piauiense: “Immenso é o inconveniente que resulta da falta de porto para esta província, (...) Consta-me, que o gado exportado pela barra da Amarração paga não pequeno imposto para província do Ceará, e a esta pertence um rendimento, que ao Piauíhy deveria caber, pelo direito, e pela ordem natural das coisas, que indica a barra referida como própria á prestar-se mais a esta província, do que a do Ceará que possui outros portos no litoral” (PIAUHY, 1878. p.25). Atualmente a antiga Amarração tem a denominação de Luís Correia no Estado do Piauí, depois de permuta com Ceará em troca da região de Crateús.

A área litorânea não foi a única a receber grupos de retirantes que chegavam a pé pela fronteira com o Ceará ou pelo litoral, outras zonas de contato⁴ estiveram em evidência. Os limites de jurisdição entre as fronteiras do Piauí e Ceará não eram claras. A circulação de agricultores e vaqueiros entre as marcas incertas, que já era comum em períodos de

³ As Comissões de Socorros Públicos foram financiadas com recursos do Ministério do Império requisitados diretamente pelo Presidente da Província sem a necessidade de aprovação prévia orçamentária, mobilizadas em casos de calamidades. Foram designadas diversas comissões para as localidades da capital e interior do Piauí, composta por autoridades locais, em geral: o pároco, o delegado, um coronel ou algum comerciante. Entre suas atribuições estava a compra e distribuição de alimentos entre retirantes e a remuneração pelo trabalho em obras públicas ou núcleos coloniais privados.

⁴ Um conceito importante para orientar nosso olhar é o de *zonas de contato*, proposto por Mary Louise Pratt: “espaços de encontros coloniais, no qual pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada” (1998, pp. 30-31). Neste sentido as frentes de trabalho que aglutinavam trabalhadores de origens diferentes, assim como as rotas terrestres e de fronteiras, e até mesmo as cadeias públicas poderiam ser espaços de encontros e trocas de experiências entre retirantes e negros em fuga.

normalidade, ficaram mais intensas com a eclosão da seca. Durante o ano de 1877, os jornais do Piauí relataram casos isolados de manifestações de estiagem. Em 1878, a seca se tornou um problema também para o Piauí, principalmente em Príncipe Imperial (Crateús):

Sêca – chamamos a atenção do governo para o municípios de Príncipe Imperial e Independência.

Tendo sido os que mais soffrerão as terríveis consequências da secca, já melhores dias lhe assomavam no horizonte pela comunicação directa que se achavão com a capital do Ceará, onde sempre houve abundancia de viveres, apesar dos inqualificáveis *desperdícios* do Dr. José Julio.

A varíola, porem dizima actualmente a população d'aquella capital, impede ao mesmo tempo que os nossos patrícios de Príncipe Imperial e Independencia cheguem até lá para se proverem de gêneros alimentícios de que carecem.

Acha-se, portanto, cortada aquella comunicação que lhes ia minorando as desgraças que tem arrostado⁵

Pertinente é observar a dependência do abastecimento do comércio local em relação à praça de Fortaleza. Indicando que Príncipe Imperial e Independência teriam maior ligação com a Província do Ceará, o que justificaria a futura transferência de jurisdição do Piauí para o Ceará, todavia, a repercussão das epidemias que atingiam a Capital cearense teria impedido temporariamente a tradicional “comunicação direta” entre as províncias.

Até então, os municípios banhados pelo rio Poti eram vistos como uma região de tradição na pecuária, reduto de ricas fazendas de gado. Parece que após a seca de 1877 e a mortalidade do gado, as fazendas da região perderam muito do potencial econômico. O contexto que levou à troca de território em 1880, e que ainda provoca rivalidades em torno da demarcação de fronteiras entre Ceará e Piauí na atualidade, é significativo para compreender a fluidez de circulação na região. Parnaíba e Crateús têm um papel mais importante por serem dois corredores de migração. A primeira, nas proximidades do Litoral; a outra, às margens do rio Poti, vale que cava passagem entre as chapadas da Ibiapaba e do Araripe. Foram, desde a ocupação colonial, rotas de trocas de gado, mercadorias, pessoas e ideias entre cearenses e piauienses.

Em 1877, primeiro ano de seca, a imprensa piauiense apontou a estiagem como um fenômeno que afetava somente a Província do Ceará e, em menor escala, Paraíba e Pernambuco; contudo, no decorrer do ano de 1878, com a chegada intensa de retirantes, esgotamento de estoques e o avanço da estiagem, a caracterização da seca, como fenômeno

⁵ *A Epoca*, Teresina. 21/12/1878, Noticiário, “Sêca”. p.4.

social que exigia a ação do poder público, passou a aparecer também como reivindicação na imprensa piauiense.

Um dos primeiros sintomas da seca foi a falta de gêneros e cereais, causada pela “emigração crescida que nos veio do Ceará, esgotarão-se os poucos cereais que possuímos, pois como todos sabem, por muito tempo a população daquela província delles se abastecêra nos nossos mercados e centros produtivos.”

O jornal *A Epoca* calculou em “vinte mil almas a emigração que recebemos do Ceará”; para justificar tal cifra, o periódico indicava relações envolvendo a negociação de gado entre as duas províncias: “O Piauhy foi a que maior numero de emigrantes recebêra, talvez para isso influísse as relações que muitos compradores de gado entretinhão com nossos fazendeiros, no transporte daquela província para esta”, até que a intensificação das migrações internas, no próprio Piauí, demonstrou a contaminação da crise provocada pela seca:

Com a continuidade da crise localidades do Piauí que até então recebiam retirantes passaram a ver suas populações abandonarem os campos, seguindo o exemplo dos vizinhos cearenses: “com as nossas plantações inteiramente extintas, ameaçada de perder toda a nossa criação, com emigração tão crescida e naufragada, em uma província pobre e recursos, sem vias promptas de comunicação com os grandes mercados do império, é tristíssima e summamente dolorosa – si não desesperadora nossa situação Alguns proprietários da província – como os de Príncipe Imperial e Jaicóz quase que estão despovoados, porque sua população não encontrando ali mais os meios de subsistência, se internara pelo interior em demanda de outros municípios e especialmente desta capital a procura de recursos⁶

Teresina, por ser a sede do governo provincial, e por sua posição à margem do rio Parnaíba, também concentrou muitos retirantes, o mesmo acontecendo com cidades que ficavam próximas, como é o caso de Campo Maior, ou também margeando o rio Parnaíba, como Amarante e União. Na prática, mesmo em localidades em que a estiagem não foi intensa, os efeitos da calamidade foram sentidos pela presença de retirantes, a escassez de cereais e o esgotamento das “creações de gados – quase que a única riqueza do Piauhy.” As relações econômicas estavam em pleno declínio. A ruína obrigava proprietários de gado divulgar suas perdas como recurso para não serem taxados pelo fisco provincial:

Atenção

O abaixo assignado previne o Sr. Colletor das rendas provinciais do município de Pedro II que a seca de 1877 acabou com todos os gados de sua

⁶ *A Epoca*, Teresina, 13/04/1878, “*A seca e os emigrantes*”[Editorial], p. 01.

fazenda – Jacarandá, existindo hoje apenas della a casa e curraes abandonados.

Piripiri, 7 de maio de 1879
Antônio Coêlho de Resende⁷

Com o colapso na criação e agricultura dominando os sertões, as migrações ganhavam novo fôlego. Multidões de retirantes demonstravam suas insatisfações nas ruas da Capital piauiense, onde corriam boatos “de que os emigrantes se preparavão para arrombar o edifício [do depósito do governo] e apossar-se dos viveres ali depositados”. Interessante é observar a força de boatos e ameaças pautando o discurso tanto da imprensa, como de agentes estatais. Os rumores eram consideráveis, pois os populares demonstravam disposição de pô-los em prática:

A afflicção do povo, que vive a morrer a fome, chegou ao auge do desespero, tem-no levado a assaltar os viveres, quando são conduzidos do porto de desembarque para o deposito onde são guardados.

A principio consistia em furar os saccos de milho, e apanhar depois caroço por caroço do que se derrama no chão.

Depois o negocio tornou-se mais serio; o povo investiu contra os carregadores, tomou-lhes os saccos, rasgou-os e, no meio de uma confusão indescritível, cada qual se apoderou da porção que pode. O mais singular em tudo isto é que semelhante revolução foi feita tão somente por mulheres.

Assistimos a uma scena dessas, na praça da constituição, entre o palácio presidencial e a casa do chefe de policia⁸

O cenário caótico estabeleceu-se em Teresina. Primeiro, a migração intensa de cearenses, em seguida, os deslocamentos internos de piauienses. Chama atenção a participação efetiva de mulheres nas ações de saques. Em alguns casos, somente havia trabalho em obras publicas para os homens, que recebiam em troca ração alimentar insuficiente para o sustento da família. Havia outro problema - muitas vezes faltavam víveres ou recursos financeiros nos núcleos coloniais e depósitos da Comissão de Socorros Públicos em virtude de desvios realizados por seus encarregados, levando a imprensa a usar o termo “fósforo” para se referir ao emigrante que só existia na lista oficial. Se os desvios foram de domínio publico e os recursos deviam, por direito, ser destinados ao socorro de retirantes, as mulheres estavam funcionando sob uma lógica de economia moral própria aos pobres no exercício da justiça (NEVES, 1998). A não participação de homens na ação poderia ser justificada como uma tentativa de evitar repressão direta, tais como prisão ou demissões em

⁷ A *Epoca*, Theresina, 27/05/1879, “Annuncios”, p. 4.

⁸ A *Epoca*, Theresina, 18/01/1879 Noticiário, “Assalto aos viveres”, p. 4.

obras publicas, sem falar nos elevados índices de mortalidade em abarracamentos para retirantes, causadas por epidemias ou desnutrição. Isto produzia, nos momentos dos embarques desastrosos, situações de muitas famílias fragmentadas, em que a mulher assumia a condição de chefe de família.

Teresina, as fazendas do sertão e as margens do Parnaíba tornaram-se filiais do “pavoroso reino”, assim como havia ocorrido anteriormente em Fortaleza, capital do Ceará (NEVES, 2000), imperando o caos instalado sob o domínio da seca, produzindo fissuras na ordem em diversas frentes.

Os retirantes roceiros ou artistas, que insistiam na procura por trabalho, encontravam poucas vagas com baixa remuneração em núcleos coloniais, serviços em obras publicas ou novos deslocamentos. A última opção parece ter sido plenamente estimulada pelo governo provincial, que: “Manda encher os vapores da companhia dessa pobre gente e ordena que ella seja atirada na cidade de Parnahyba ou no porto de Amarração e depois (...) que se arrume.” A expectativa para os retirante segundo o articulista de *A Epoca*, não era nada animadora, “será portanto fatal a sorte que espera essa pobre gente, que se trata de retirar desta Capital para ir morrer mais longe, fora das vistas do governo”⁹

Sobre o caráter dos núcleos coloniais do Piauí, Maria Mafalda Balduino observou que:

a intervenção de socorros do Governo do Piauí, exercido por liberais e conservadores era feita conjuntamente com proprietários rurais que obtiveram tantas vantagens com mão de obra gratuita, a ponto de sugerirem ao governo provincial a criação de nucleos coloniais em suas propriedades, onde abrigariam os emigrantes. Estes núcleos ficariam sob administração de proprietários e as despesas custeadas pelo governo. (...) tinha por objetivos receber imigrantes flagelados pela seca em áreas proximas à capital, de forma a resguardá-las de entradas maciças, evitando, assim, possíveis problemas sociais.” (ARAÚJO, 1991, p.80)

A mesma autora ao trabalhar com dados de 1878 referentes aos núcleos piauiense de: Gandu, Felicidade, Deserto, Boqueirão e D’Mata, afirmou que o número de retirantes oriundos de outras províncias representava 46,7 % e entre estes 96% eram cearenses, ou seja, quase metade era composta por retirantes do Ceará. (ARAÚJO, 2001, p.237). A imprensa da Capital denunciava diariamente contratos duvidosos assinados por fazendeiros próximos ao governo e desmandos na explorados do trabalho. A respeito das obras públicas realizadas por

⁹ *A Epoca*, Theresina, 13 de abril de 1878, Noticiário “O governo e os emigrantes”, p.4.

retirantes, relatos de membros de Comissões de Socorros Públicos publicados em jornais apontam a construção e reformas de cadeias e igrejas como as mais constantes.

Livrar-se de retirantes e seus corpos, rebeldes ou doentes, foi a iniciativa tomada pelo governo provincial, para quem a mortalidade, caso fosse “fora das vistas do governo”, soava como paliativo à crise. Segundo publicações particulares veiculadas na imprensa de Teresina, a recepção em Parnaíba/Amarração não era nada acolhedora. Carta assinada por sujeito identificado por “o cabeça chata” relatou cenas do trabalho em troca de comida, pois “a comissão só dá trabalho a quem carrega areia”. O cotidiano começava às 6 horas da manhã, quando os retirantes seguiam com suas vasilhas “a buscar areia para o aterro que se prepara no porto salgado.” O pagamento irrisório de uma caneca de arroz “pouco mais ou menos, a cada pai ou mãe de família, que tivesse em casa 8 a 10 boccas, a espera dessa migalha concedida em 24 horas, a exceção dos dias santificados (...) em que não se devendo trabalhar, não se pôde exigir da comissão cousa alguma”. O relato em tom dramático finaliza conclamando a emigração: “Emigrantes, fugi, não esperais os trinta dias fataes que a comissão vos aguarda, fugi já e já para outra província, do contrário vossa extincção será certa, deixae lançar os saccos de viveres no rio, já que a caridade dos homens a tanto chega!”¹⁰

Mesmo que o relato do *Cabeça chata* fosse produção dos editores do jornal, para atacar o governo da Província, as correspondências entre comissários e o executivo provincial, ou noticias publicadas em outros periódicos possuíam teor similar. Os desvios de recursos e o regime de trabalho faziam da opção pelo engajamento em obras públicas, escolha nada vantajosa para os retirantes.

Houve circunstâncias em que a decisão pelo ato de emigrar não foi voluntária. Versos populares registraram cenas de pobreza “de gente, animais e gado”, o olhar vigilante do “xefre de poliça” e o estímulo do governo provincial ao embarque de retirantes:

A
Adeos, Caratheus Adeos! /Sertão onde fui creado /Hoje te vejo em pobreza
De gente, animais e Gado(...)
N
Não sei qual razão / De nada se merecer, / Pois o xefre e o governo / Deixão
os pobres morrer(...)
Q

¹⁰ A correspondência tem data de junho de 1878, assinada em Amarração, supostamente por um cearense que havia emigrado do Crato, possuía parentes em Amarração e teria se alistado para os trabalhos na Comissão de Socorros Públicos de Parnaíba, pois queria “ver para crer”. *A Epoca*, Theresina, 24/08/1878, Secção Particular, “Como se morre de fome na Parnahyba”, p.3.

Quando chega aquelle dia, / Do vapor no porto estar / Para isso o governo é
bom!... / Para os pobres embarcar!(...)
X
Xispando fiquemos nós / Com o *xefre de poliça*, / Como nada nos quer dar- /
Diz que temos é preguiça¹¹

O lamento em poesia é marca cultural de pobres e despossuídos que se expressam e comunicam em suas poéticas orais. A referencia constante à figura do chefe de polícia não ocorreu ao acaso, pois este centralizava, também, a administração das Comissões de Socorros Públicos. Ao *xefre* caberia gerenciar as finanças dos socorros e a circulação de retirantes, fujões e criminosos ao mesmo tempo. Sua missão se tornava mais difícil com a continuidade da estiagem e o aumento dos deslocamentos.

Em 1877, tudo indica que as práticas de pecuária extensiva estavam esgotando as terras úmidas do Piauí, impedindo migrações de gado e fazendeiros cearenses que para lá se deslocavam, temporariamente, durante estiagens anteriores. O gado deixou de circular, mas os caminhos abertos permitiram que fazendeiros, pobres livres e escravos avançassem para o oeste à procura das terras úmidas na ribeira do Parnaíba. Sobre o papel do Parnaíba, seus afluentes, e migrações em direção ao Maranhão, apontamos a observação:

Como consequência de sua bacia hidrográfica, o Piauí sempre foi um corredor de migrações. Os flagelados das secas, tocados pelas[sic] fome, também testemunharam a peculiaridade. É a bacia do Parnaíba passagem obrigatória dos **retirantes**, porque está situada entre as terras castigadas do Nordeste e as frescas e ubérrimas terras do Maranhão. A transumância, como fenômeno demográfico, manifesta-se mesmo nos períodos normais. (NUNES, 2007, p.55)

Terra da “transumância”, passagem entre-lugares, as margens do Parnaíba possibilitavam romper o isolamento do Piauí em relação ao Império brasileiro. A historiografia piauiense, com raras exceções, perpetua o cenário de isolamento da Província do Piauí; quando muito, analisa, de forma negativa, a dependência em relação ao Maranhão ou Ceará. Em contrapartida, podemos perceber dimensão diversa, o abastecimento de cereais e “as relações que muitos compradores de gado entretinham”, transportando gado entre as províncias são elementos que apontam uma circulação constante de mercadorias, pessoas e, por que não, ideias entre as paragens dos sertões.

¹¹ *A Epoca*, Theresina, 24/04/1878, Noticiário, “ABC”, p.4

Otaviano Vieira Junior, ao analisar a cultura material de populações sertanejas já apontou para a importância da varanda nas habitações, espaço destinado à hospedagem de viajantes e andarilhos:

As estradas eram entrecortadas por rebanhos, comerciantes que traziam produtos do litoral para o sertão, por viajantes estrangeiros e até mesmo por famílias que fugiam das secas. O deslocamento de pessoas por várias regiões não era nenhuma raridade e criava a necessidade de criar abrigos. Mais uma vez o relato de Gardner¹² foi esclarecedor: *sendo a estrada que viajávamos a que levava ao interior do Ceará, bem como à região central do Piauí, muitos viajantes passavam pelo nosso acampamento – que era o alpendre de uma casa abandonada. Carros cheios de algodão e couros desciam, enquanto outros, bem como tropas de cavalos, subiam carregados de mercadorias europeias e de sal que é raro no interior* (VIEIRA JUNIOR, 2004, p.136).

Passamos a visualizar um espaço sertanejo que se descola da imagem de isolamento. As estradas e caminhos antigos que garantiam a circulação de gados e vaqueiros, continuavam a ser utilizadas para o transporte de algodão e outras mercadorias, como o sal. Se as administrações provinciais permaneciam sem canais de comunicação e estradas oficiais, o mesmo não podemos dizer dos homens e mulheres pobres livres ou escravos que, efetivamente, tornaram as estradas *zonas de contato*, experiências que foram incorporados por populares e ressignificadas durante as secas.

Negros fujões piauienses nas últimas décadas da escravidão

Observando os dados populacionais de 1872 podemos perceber significativa influência da matriz africana na formação da população do Piauí. As pouco mais de 202 mil almas que habitavam a Província foram descritas partindo da seguinte classificação por “raças”: brancos 43.447; pardos 116.499, pretos 28.823 e caboclos 13.947. Considerando apenas pardos e pretos aqueles que apresentavam “mancha de sangue” africano, temos mais de 145 mil pessoas, equivalendo a 71,75% do total da população. Destes, eram escravizados 23.795 (9834 pardos e 13961 pretos) e , os cativos representavam 11% da soma geral. Os números mostram que mesmo com o decréscimo constante da quantidade de escravos, seja por alforrias, tráfico interno ou fugas, a escravidão ainda possuía importância ambígua e

¹² Trata-se do naturalista britânico George Gardner, que, entre os anos de 1836 e 1841, percorreu vastas regiões no Norte do Império. Seus relatos de viagem, em inglês, foram publicados pela primeira vez em 1846, traduzidos posteriormente para o português com o título: *Viagens no interior do Brasil: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*.

contraditória. Já os afrodescendentes eram maioria absoluta. Como bem físico e material, permaneciam sendo disputados por senhores incapazes de pensar uma ordem com corpos livres.

Para os negros que permaneciam no cativeiro, a ameaça de exportação ocupava suas demandas. Os jornais da Capital anunciam interesses de comerciantes em adquirir novas “peças” em pleno período de seca. A negociação provavelmente estaria voltada ao tráfico interno: “Escravos, compra-se no hotel e paga-se por mais que qualquer comprador”¹³ ou ainda “José Martins Teixeira & C^a, para encommenda comprão escravos sadios e de boa figura e pagão bem.”¹⁴

Assim como os escravizados de outras províncias do Norte, tais como Ceará e Maranhão (BARBOZA, 2013), os do Piauí encontraram na fuga uma das últimas opções para escapar das redes do tráfico. E os caminhos em direção à fronteira do Maranhão poderiam ser um destino que colaborasse com os planos de fuga, ao buscar abrigo em comunidades de foragidos existentes em suas matas; perspectiva que era de conhecimento dos fujões de províncias próximas, provavelmente as rotas que levavam os fujões ao Maranhão foram facilitadas, em momentos de grande circulação de retirantes durante a seca, mesmo que fosse trajeto já experimentado em períodos anteriores, talvez em menor escala.

Pode ter sido o caso do escravo André, que em junho de 1860, portanto em “período normal”, e “aleijado de uma perna”, partiu da Vila de Granja, no Ceará:

Hoje me foi apresentado, por Francisco Mendes Carneiro, o escravo André, cabra com idade de 50 annos pouco mais ou menos aleijado de hũ pé e perna até o joelho, por causa de uma queimadura que dis sofrera em pequeno, e confeça pertencer ao Portugues Manoel Ferreira residente da Barra do Camuci abaixo da Villa de Granja, de onde fugira no mês de junho deste anno.¹⁵

Fugindo de proprietário português, o cabra André deve ter recebido algum tipo de auxílio em sua jornada entre Camocim (Ceará) até a cidade de Campo Maior (Piauí). A deficiência física limitava seu caminhar, teria conseguido carona em alguma boiada com vaqueiros ou escravos das fazendas nacionais que percorriam as terras piauienses? Não

¹³ *A Epoca*, Theresina, 24/08/1878, “Annuncios”, p.4.

¹⁴ *A Epoca*, Theresina, 27/05/1879, “Annuncios”, p.4.

¹⁵ *APEPI*, Fundo: Executivo Provincial. Subsérie: Delegados de polícia. Caixa 1 (Material em catalogação). *Ofício do 3º suplente de Delegado de Polícia Antonio Maria Eulalio dirigido ao Chefe de Polícia da Província do Piauí. Campo Maior. 19 de agosto de 1860.*

sabemos ao certo. Campo Maior fica nas proximidades de Teresina, a nova capital da Província do Piauí a partir de 1852, que atraía trabalhadores para sua expansão. Como já apontamos, do outro lado do Parnaíba, na margem maranhense, as matas e os quilombos eram mais um convite à liberdade.

A constante migração, “mesmo nos períodos normais”, potencializou as rotas piauienses que propiciaram planos de fuga a clandestinos e escravos fugidos em direção às Províncias do Ceará ou Maranhão.

ESCRAVOS FUGIDOS – o Abaixo assignado declara que da padaria do Sr. Manuel Rodrigues da Silva, fugirão hontem (11) o seu escravo Joaquim Carafuz, de 14 annos de idade mais ou menos, de olhos grandes e vivos, pernas um pouco abertas, tem uma empingem próxima a uma orelha, levou calça e camisa de riscado e chapéu de folha de carnaúba, é natural do Piauy (...), e Fernando, mulato escuro, de 14 annos mais ou menos, cabelo carapinha e curto, levou roupa de algodão já um pouco suja, é natural de Oeiras (Piauy)¹⁶

O anúncio não explicita, mas pelo fato de os escravos serem bem jovens, cerca de 14 anos, possivelmente deveriam ter sido comprados há pouco tempo. A pouca idade, porém, não foi empecilho para Joaquim e Fernando ganharem a rua. Jovens escravos em fuga, possivelmente devem ter tido os pais negociados pelo tráfico interno e podem ter se identificado como retirantes para conseguir trabalho ou embarcar em vapores com passagens pagas pelo governo.

A possibilidade de procurar comunidades quilombolas no Piauí parece mais remota, porém não podemos ignorá-la. Em relação ao século XIX, há referências contingentes:

No início do século, nas matas do Poti (onde hoje se encontra Teresina), um destacamento policial foi enviado do Maranhão (já que a província não era independente) para reprimir, ‘com grande rigor negros aquilombados naquelas matas (...) para que tal castigos servisse de exemplo a outros quilombolas.’

Na fala do Presidente da Província do Piauí, em 1883, há notícia de um quilombo nas matas de Campo Maior, também reprimido pela força policial” (KNOX, 1995, p. 233)

Há ainda outras indicações da existência de quilombos no Piauí: “Em 1844 houve providencias para reduzir um que se formava nas matas de Curimatá. Em 1884 é mandada uma escolta com o fim de capturar diversos escravos que se achavam reunidos em quilombos,

¹⁶ *Diário do Maranhão*, São Luís, 14/06/1878, Secção de annuncios, “Escravos fugidos”, p.3.

no Município de União” (BASTOS, 1994, p.200). Percebermos que as rotas em direção às fronteiras do Piauí e Maranhão já eram utilizadas por escravos em tempos normais e poderiam ser potencializadas no clima caótico que se instaurava durante as secas. Rodolfo Teófilo, em seu romance naturalista, *A Fome*, narra momentos da articulação entre escravos do Piauí e Ceará durante a seca de 1877. Ao serem informados da visita de mascates italianos interessados em negociar os cativos em troca de farinha, os escravos de Manuel de Freitas optaram pela fuga:

Na noite desse dia, depois que a família se recolheu, os escravos se reuniram e resolveram procurar a liberdade. A fuga efetuou-se muito antes de romper o dia. Foram a caminho do Piauí, guiados por um cativo daquela província. Apenas cinco escravos se recusaram obstinadamente a seguir os companheiros (TEÓFILO, 1979, p.9).

Ao decidirem sair do Ceará por via terrestre, retirantes e escravos seguiam até a Serra da Ibiapaba. Depois estavam em terras piauienses, rota que foi percebida por Rodolfo Teófilo, servindo de inspiração para descrever o enredo dos cativos cearenses ameaçados pelo tráfico interprovincial. No Piauí, buscavam trabalho ou passagens para seguirem viagem em embarcações, rumo às cidades que ficavam nas margens do rio Parnaíba. A capital, Teresina, foi um dos pontos de recepção de migrantes cearenses, retirantes que foram encarados como substitutos de atividades antes realizadas por escravos

O ano de 1878-1879 significou para a cidade de Teresina um crescimento da população e, por conseguinte, uma crise na oferta de empregos e no abastecimento de alimentos na cidade. Grupos de retirantes vitimados pela seca fixaram residência na capital. A precária estrutura da cidade ocasionou a criação de núcleos de socorros aos vitimados pela seca em fazendas privadas. A ajuda imperial era constantemente solicitada, e quando a Corte dava um não como resposta a reação vinha através de crises e conflitos entre a própria elite local. Pequenas atividades urbanas, outrora ocupadas por escravos e homens livres de cor, foram redistribuídas entre os retirantes. O aumento do ócio e da violência entre os “grupos subalternos” da capital começou a ser discutido entre senhores, políticos, comerciantes e eclesiásticos da capital (SILVA, 2008, p.55).

Ao mesmo tempo em que retirantes passavam a ingressar no mercado de trabalho, o tráfico interno de escravos intensificava-se; comerciantes de escravos de Teresina concorriam com comerciantes de São Luís no lucrativo negócio. Em 1879, o traficante maranhense João da Cruz Pereira da Fonseca “anunciava na imprensa seu interesse em adquirir escravos do Piauí”. O preço do escravo nos mercados do Sul justificava os limites da negociação, ou a

falta deles, “caso o cativo fosse dado à indolência, rebelde ou fugido, ainda assim os compraria”; falta de disciplina, “corpo-mole” ou deficiências físicas “nada significavam para o negociante.” (SILVA, 2008, p.44)

O movimento do tráfico interprovincial já preocupava as autoridades na Província do Piauí. Em relatório de janeiro de 1877, período anterior à seca, o recurso à exportação de escravos já era bastante comum:

A exportação de escravos, instrumento principal da industria agrícola, é um phenomeno indicativo de que os lavradores carecendo de recursos para satisfazer os encargos, de que estão onerados, não conseguem obter os, senão por meio da alienação da parte mais valiosa de sua fortuna, de sorte que a riqueza particular decresce constantemente (PIAUHY, 1877, pp. 17-18)

Resistindo às redes do tráfico, já havia uma tradição de cativos transitando entre as margens do Parnaíba. A circulação de escravos pela região era algo comum, como podemos perceber ao acompanhar um pouco da trajetória do escravo Lourenço, “mulato de 20 a 25 anos natural do Piauí”, que, ao ser vendido para um negociante do Maranhão caiu na estrada. Para o cativo em fuga o caminho entre as cidades de Teresina, Caxias e Codó (as duas últimas cidades maranhenses) “era tão conhecido como os negociantes dessas três regiões.” Sua primeira fuga, em janeiro de 1870, para Codó, foi sucedida por outra para Caxias. (SILVA, 2008, pp.44-55). Os caminhos que funcionavam para abastecer o mercado de escravos também serviam para o movimento oposto, resistências e fugas. Captaram que a fragilidade da fiscalização em zonas de fronteira apresentava-se como um incentivo para transgredir as leis imperiais.

Em dias do mez passado, do sitio – *olho d’agua*, neste termo fugiu o escravo de nome Jacintho, preto, estatura regular, pouca barba e com pouquíssimos cabellos brancos. Terá quando muito 40 annos de idade
Quem o capturar entregar no referido lugar a seu senhor, o abaixo assinado, será gratificado.
Não se deixem os Srs. Contractantes de nucleos illudir acreditando ser tido escravo – emigrante de Caratheús, conforme elle diz

Olho d’agua, 22 de setembro de 1878
Luiz Gonçalves Pereira¹⁷

Carateus é uma das grafias possíveis da atual cidade cearense de Crateús. Junto ao município vizinho de Independência, situa-se no corredor que liga os sertões do Ceará e Piauí.

¹⁷ *A Epoca*, Teresina, 28/09/1878, “Annuncios”, p. 04.

O preto Jacinto não encontraria dificuldade de se misturar aos retirantes, porque “quase diariamente passam nesta vila da província do Ceará caravanas de emigrantes composta de homens, mulheres e crianças de 10, 20, 30, e mais pessoas.” (ARAÚJO, 1991, p.42). A cor de sua pele não seria um elemento de distinção. Cabras, pretos, pardos, mulatos e caboclos em trânsito forneciam, às ondas de emigrantes, a diversidade de cores ideal para planos de camuflagens, deste e de outros fujões. Enfim, algumas conexões não respeitavam fronteiras provinciais ou raciais.

Referências

- ALMEIDA, Candido Mendes. *Atlas do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Lithografia do Instituto Philimathico, 1868.
- ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O Poder e a seca no Piauí (1877-1879)**. Teresina: FUFPI, 1991.
- _____. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)**. Teresina: FCMC, 1997.
- _____. “Na trama urbana, personagens, experiências e imagens (Teresina, 1877-1910).” I: EUGÊNIO, João Kenedy (Org). **Histórias de vários feitos e circunstâncias**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 234-252.
- BASTOS, Cláudio. **Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: fundação Monsenhor Chaves 1994.
- BARBOZA, Edson Holanda Lima. **A hidra cearense: rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884)**. São Paulo, 2013. Doutorado em História – Programa de Estudos pós-graduados em História – PUC/SP.
- DODT, Gustavo. **Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi**. Imperatriz: Ética, 2008.
- LIMA, Solimar. **Braço Forte: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí – (1822-1871)**. Passo Fundo: UFP, 2005.
- KNOX, Miridan Britto. **Escravos do sertão – Demografia, trabalho e relações sociais**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará**. Fortaleza: Secult; Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. Economia Moral versus Moral Econômica (ou: o que é economicamente correto para os pobres?). **Projeto História**, São Paulo v. 1, nº 16, p.39-57, Fevereiro/2008.
- NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**. Volume I. Teresina: FCMC, 2007.
- PIAUHY, **Relatório apresentado a Assembleia Legislativa do Piauí, em sua sessão extraordinária de 13 de abril de 1877**, pelo Exm. Snr. Dr. Graciliano de Paula Batista, presidente da mesma província. Teresina: Typ. da Moderação, 1878.
- _____, **Relatório com que o Exm. Sn. Dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa passou a administração do Piauí ao Excellentíssimo Presidente Dr. Graciliano De Paula Baptista no dia 2 de janeiro de 1877**. Teresina: Typ. da Moderação, 1877.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1998.

SILVA, Mairton Celestino da. **Batuque na rua dos negros:** Cultura e política na Teresina da segunda metade do século XIX. Salvador, 2008. Dissertação de Mestrado em História Social –Programa de Pós-Graduação em História – UFBA.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome. Violação.** Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de letras, 1979.

Sites:

Censo demográfico de 1872:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/> (Acesso em março de 2013)

Recebido em: *06 de junho de 2013*

Aprovado em: *16 de agosto de 2013*